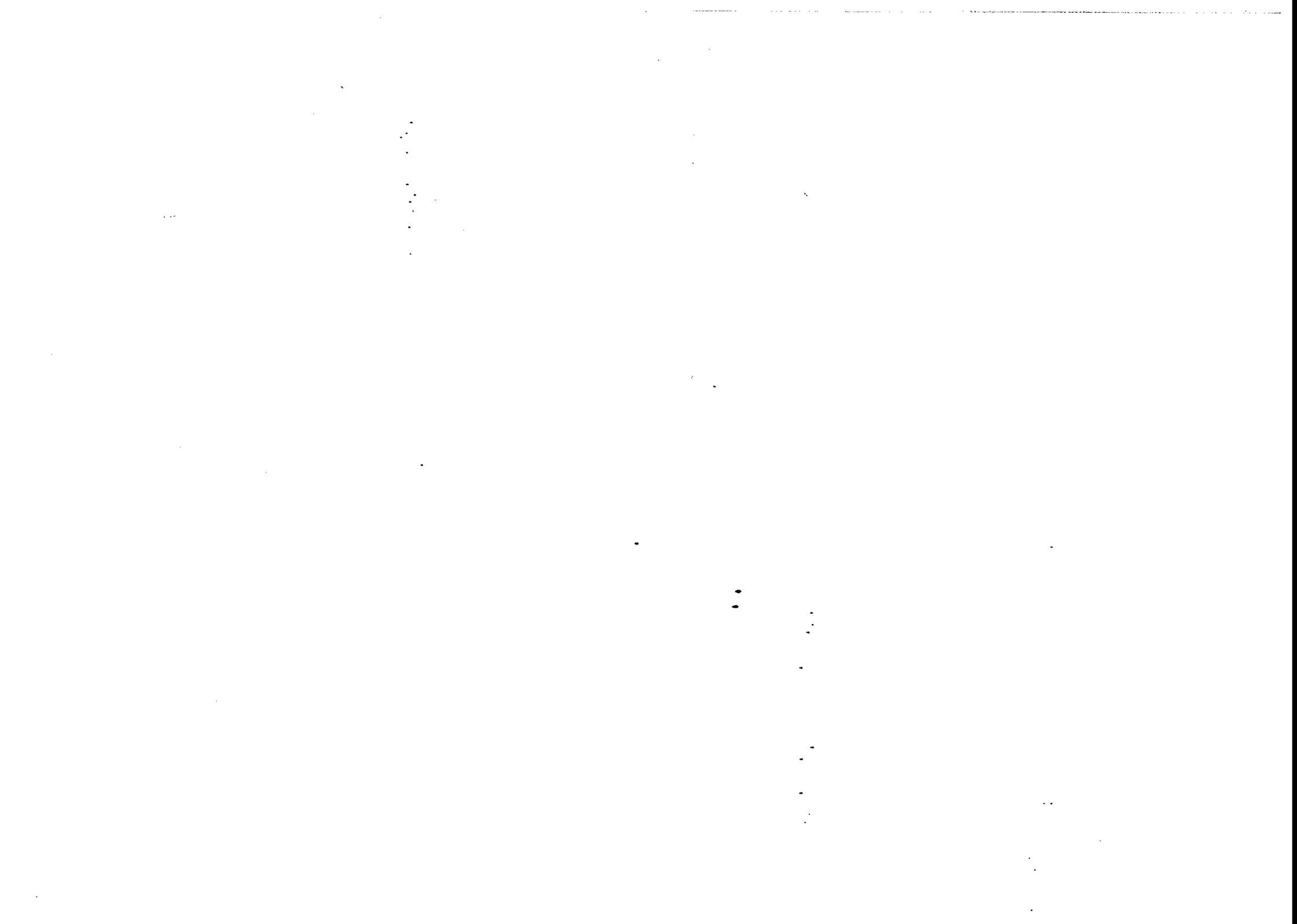


Reflexões de um historiador sobre as falsas notícias da guerra

[*Revue de synthèse historique*, 1921.
Mélanges historiques, t. I, p. 41-57]

I

Os historiadores acompanharam com o mais vivo interesse os progressos alcançados nestes últimos anos pela psicologia do testemunho. Esta ciência é muito jovem, mal tem vinte anos de idade; pelo menos, não foi há mais de vinte anos que começou a constituir-se como disciplina independente. Justo é acrescentar que a crítica histórica, mais velha, lhe tinha aberto o caminho. As primeiras testemunhas interrogadas de uma maneira racional foram documentos, manuseados por eruditos. Os psicólogos tiveram, portanto, que tomar como ponto de partida as regras aplicadas na prática, mais do que formuladas na teoria, pelos Papenbroch, os Mabillon, os Beaufort e seus émulo. Mas desenvolveram estes princípios com os seus próprios métodos. Sobretudo, não se limitaram a explorar a matéria terrivelmente complexa que lhes fornecia o passado ou a vida corrente,



montaram verdadeiras experiências; graças a elas, puderam isolar uns dos outros os diversos problemas, pôr um pouco de ordem na investigação e discernir os elementos das soluções futuras¹.

Numa compensação equitativa, os resultados dos seus trabalhos, por mais incompletos que pareçam ainda, trazem já aos historiadores um auxílio precioso. Até aqui, os nossos desafios eram sobretudo intuitivos; irão alicerçar-se cada vez mais na razão. A nossa dúvida torna-se metódica. E por essa via encontrará os seus justos limites. Não há bons testemunhos; não há depoimentos exactos em todas as suas partes; mas até que ponto um testemunho sincero e que pensa dizer a verdade merece ser acreditado? Questão infinitamente delicada a que não se pode dar de antemão uma resposta imutável, válida para todos os casos; há que examinar cuidadosamente cada amostra e decidir caso a caso, conforme as necessidades em causa. Mas as soluções particulares só terão uma base séria se se inspirarem em princípios gerais; e a quem pedir estas directrizes se não às observações sobre o testemunho? Muita é já a luz que a obra dos psicólogos faz incidir sobre os grandes dramas da história: o caso dos Templários, por exemplo, ou o de Gilles de Rais², ou ainda essa pavorosa tragédia em mil actos que foram os processos por feitiçaria!

Há mais: a crítica metódica do testemunho parece engendrar uma consequência muito grave, se bem que pouco notada, pois desferiu um rude golpe na história pitoresca. Guillaume de Saint-Thierry, na sua *Vie de Saint Bernard*, conta que este, monge em Citeaux, ignorou durante muito tempo como é que a capela onde seguia regularmente os ofícios era iluminada; ficou surpreendido ao saber um dia que era de três janelas do lado do altar-mor, e não de uma como então julgava, que a luz vinha³. A hagiografia extasia-se e admira-se perante este e outros vestígios análogos: que grande santo pressagiava tamanha indiferença pelas vaidades deste mundo! Sabemos hoje que para alguém se enganar a este ponto quanto ao aspecto das coisas que aparentemente deveriam ser para nós as mais familiares não é preciso ser-se doutor da Igreja nem príncipe do misticismo. Os alunos do professor Claparède, de Genebra, provaram, mediante experiências famosas, que conheciam tão mal, nas suas grandes linhas arquitectónicas, o vestíbulo da sua Universidade como outrora Bernardo a capela ou o refeitório do seu convento⁴. Num depoimento normal, isto é, com mistura de verdadeiro e falso, habitualmente nada é mais inexacto do que o que se refere aos pequenos porme-

nores materiais: tudo se passa como se a maior parte das pessoas passeassem uns olhos semicerrados pelo mundo exterior que desdenham contemplar. Doravante, como havemos de levar a sério, nos cronistas, essas passagens descritivas, a pintura das roupas, dos gestos, das cerimónias, dos episódios guerreiros, todo esse bric-à-brac, numa palavra, que tanto seduzia os românticos, quando à nossa volta não há um testemunho capaz de reter correctamente no seu conjunto os factos corriqueiros sobre os quais tão avidamente temos interrogado os velhos autores⁵? Há aqui uma lição de cepticismo que os psicólogos nos dão; mas há que acrescentar que o cepticismo só atinge coisas muito superficiais; a história jurídica, ou económica, ou religiosa, fica intacta; o que há de mais profundo em história pode ser também o que há de mais seguro⁶.

Assim, graças à psicologia do testemunho, podemos ter a esperança de irmos a limpar com uma mão mais destra a imagem do passado dos erros que a obscurecem. Mas a obra crítica não é tudo para o historiador. O erro não é para ele somente o corpo estranho que se esforça por eliminar com todo o rigor dos seus instrumentos, considera-o também um objecto de estudo sobre o qual se debruça quando se esforça por compreender o encadeado das acções humanas. Falsos relatos houve que sublevaram multidões. As falsas notícias, em toda a multiplicidade das suas formas — simples boatos, imposturas, lendas — preenchem a vida da humanidade. Como nascem? A que elementos vão buscar a sua substância? Como se propagam, como ganham amplitude à medida que passam de boca em boca ou de escrita em escrita? Não há questão que, mais do que esta, mereça apaixonar quem quer que tenha o gosto pela reflexão sobre história.

Mas sobre elas, a história dá-nos esclarecimentos muito insuficientes. Os nossos antepassados não consideravam esta espécie de problemas; rejeitavam o erro quando o reconheciam como tal; não se interessavam pelo seu desenvolvimento. É por isso que as indicações que nos deixaram não nos permitem satisfazer a nossa curiosidade, que eles ignoravam. O estudo do passado em tal matéria deve apoiar-se na observação do presente. O historiador que procura compreender a génese e o desenvolvimento das falsas notícias, desiludido com a leitura dos documentos, pensará naturalmente voltar-se para os laboratórios dos psicólogos. Bastarão as experiências que aí se fazem correntemente para lhe fornecer o ensinamento que a erudição lhe recusa? Não creio; e isso por várias razões.

Consideremos, por exemplo, a primeira em data, se não me engano, pelo me-

nos a mais impressionante de todas: o atentado simulado organizado no seu seminário em Berlim pelo criminologista Litz⁷. Os estudantes que tinham assistido a este pequeno drama e o tinham levado a sério foram interrogados, uns nessa mesma noite, outros ao cabo de uma semana, outros ainda cinco semanas depois do acontecimento. A partir do último interrogatório a verdade deixou de lhes ser ocultada: souberam exactamente o que se tinha passado (uma vez que o enredo tinha sido minuciosamente elaborado de antemão) e que aquilo que ocorrera não passava de uma piada. A falsa notícia foi portanto detida, se assim posso dizer, durante o crescimento. O mesmo se passa com outras provas deste tipo; o intervalo de tempo que em cada uma delas separa o momento em que os «sujeitos» observam daquele em que são recolhidos os seus depoimentos varia talvez, conforme os casos, mas é sempre da mesma ordem de grandeza. Por outro lado, o número de pessoas a que se estende o inquérito limita-se quase sempre a um círculo assaz restrito. Melhor: liga-se habitualmente apenas aos testemunhos directos; quem não viu por si não comparece; os testemunhos secundários, que falam apenas por ouvir dizer, são excluídos; na vida real, pelo contrário, que seria deles sem o que outrora se chamava «notoriedade pública»? Nas experiências dos psicólogos, nunca a falsa notícia atinge esta plenitude magnífica que só o tempo passado e muitas bocas podem dar-lhe.

Sobretudo, nestas criações de laboratório falta o elemento mais essencial talvez das falsas notícias da história. Estas nascerão porventura muitas vezes de observações individuais inexactas ou de testemunhos imperfeitos, mas este acidente original não é tudo; na verdade, só por si, nada explica. O erro só se propaga, só se amplia, só vive com uma condição: encontrar na sociedade em que se difunde um caldo de cultura favorável. Nele, inconscientemente, as pessoas exprimem os seus preconceitos, os seus ódios, os seus medos, todas as suas emoções fortes. Apenas — terei ocasião de voltar a este ponto — grandes estados de alma colectivos têm o poder de transformar uma má percepção numa lenda. Como é possível uma experiência, por mais bem conduzida, dar-nos estes profundos frémios sociais?

Podemos apresentar as observações que acabo de esboçar sob uma outra forma mais lata e talvez mais precisa. A psicologia do testemunho, tal como se procurou construí-la até aqui, tem estado, pela própria força das coisas, confinada ao domínio da psicologia individual. Ora é sobretudo da psicologia colectiva que

relewa a falsa notícia. Haverá, entre estes dois ramos da ciência psicológica, uma diferença de natureza que tenha a ver com a própria substância do seu objecto? Não vou levantar aqui esse problema, puramente filosófico e talvez puramente metafísico. Basta-me que haja de facto entre elas uma diferença sensível a todos os espíritos; nem os seus métodos, nem os seus resultados coincidem exactamente. Quando se trata de estados de consciência colectivos, o estudo experimental, em particular, é praticamente inconcebível. Assim se explica que os resultados de trabalhos de que falámos atrás, por mais interessantes que se revelem, continuem a ser, do nosso ponto de vista, singularmente restritos; os nossos conhecimentos sobre a percepção, a memória, a sugestão viram-se enormemente enriquecidos; por isso mesmo a crítica histórica recebeu deles um apoio muito eficaz; mas depois de ter lido os relatórios de tantas experiências bem realizadas, não ficamos a saber muito mais sobre como se forma e vive uma lenda⁸.

As observações precedentes aplicam-se às experiências propriamente ditas, obras artificiais do engenho humano. O que nos restringe, no concreto, são as próprias limitações que se impõe à acção de um cientista, completamente incapaz, como é evidente, de modificar no seu laboratório a constituição da sociedade ou de criar grandes emoções comuns. Mas eis que nestes últimos anos se produziu uma espécie de grande experiência natural. Com efeito, temos o direito de assim considerar a guerra europeia: uma imensa experiência de psicologia social de inaudita riqueza. As novas condições de vida, de natureza tão estranha, com particularidades tão acentuadas, em que tantas pessoas se viram inopinadamente lançadas — a singular força dos sentimentos que agitaram os povos e os exércitos — toda esta convulsão da vida social e, se assim podemos dizer, este acentuar das suas características, como através de uma poderosa lente, deverão, ao que parece, permitir ao observador apreender sem grande dificuldade as ligações essenciais entre os diferentes fenómenos. Talvez não possa, como numa experiência no sentido vulgar do termo, ser ele a introduzir variantes nos fenómenos para melhor conhecer as relações que os ligam; mas que importa?, se são os próprios factos que mostram essas variantes, e com que amplitude! Ora, entre todas as questões de psicologia social que os acontecimentos destes últimos tempos podem ajudar a esclarecer, as que se ligam à falsa notícia ocupam o primeiro plano. As falsas notícias! Durante quatro anos ou mais, por toda a parte, em todos os países, na frente como na retaguarda, vimo-las nascer e pulular; perturbavam os espíri-

tos, ora sobreexcitavam ora abatiam as coragens; a sua variedade, a sua bizarria, a sua força continuam a surpreender quem quer que saiba recordar e se recorda de ter acreditado. O velho provérbio alemão está certo:

*Kommt der krieg ins Land,
Dann gibt's Lügen wie Sand*⁹.

A ideia de estudar estas singularidades eflorescentes da imaginação colectiva ocorreu já a vários autores dos que se ocupam com a psicologia ou com a história. Vamos percorrer os principais trabalhos cujo objecto foram as falsas notícias de guerra.

II

A literatura de guerra é imensa e por muitas razões difícil de consultar. No que dela conheço, parecem-me de reter quatro estudos relativos à falsa notícia¹⁰.

Começemos pelo livro do doutor Lucien Graux, *Les Fausses Nouvelles de la Grande Guerre*. São sete volumes publicados entre 1918 e 1920. Foram muito habilmente lançados nas livrarias; e é isso que obriga a insistir mais longamente neles, o que talvez de outro modo não fosse necessário. O título é pleno de promessas, mas a leitura desilude. Nem pela documentação, nem pela maneira de pôr os problemas esta vasta compilação satisfaz o historiador.

Os documentos de que se serviu o doutor Lucien Graux — se pusermos de parte algumas recordações pessoais e algumas cartas — são quase unicamente jornais: Uma longa recolha de recortes com origem nessa fonte, colhidos, ao que parece, dia após dia e arrumados em série, eis toda a obra; deixo de lado as digressões e os desenvolvimentos oratórios. Ora a falsa notícia da imprensa por certo tem o seu interesse, mas sob condição de se reconhecerem as suas características específicas. Habitualmente, representa algo de muito pouco espontâneo. É certo que por vezes acontece um boato que se espalha pelo país ou no seio de um certo grupo social ser reproduzido com toda a inocência por um jornalista; seria grande ingenuidade recusar aos repórteres toda a ingenuidade. Mas as mais das vezes a falsa notícia de jornal é simplesmente um objecto fabricado; é forjada

pela mão do artífice com um desígnio determinado — para actuar sobre a opinião pública, para obedecer a uma palavra de ordem ou simplesmente para ornar a narração, em conformidade com esses curiosos preceitos literários que tão agudamente se impõem aos mais modestos publicistas e onde perpassam tantas memórias dos velhos retóricos: Cícero e Quintiliano têm nos corpos de redacção mais discípulos do que vulgarmente se pensa¹¹. M. Graux reuniu informações fornecidas por diversos jornais sobre as respostas dadas por M. Malvy à última pergunta do presidente do Supremo Tribunal¹² sobre a morte de Bolo-Pacha¹³, sobre a audiência final do processo Toqué¹⁴. As contradições são flagrantes e divertidas, provavelmente, nunca saberemos se o chapéu de Bolo era castanho ou preto, redondo ou alto, se M. Malvy pronunciou com voz cortante ou fraca certas palavras de que *Le Matin*, por exemplo, e *La Petite République* dão textos muito diferentes. Será de ver nestas pequenas divergências uma nova ilustração dessas imperfeições do testemunho humano que os psicólogos revelaram? Não ousarei afirmá-lo, pois talvez a maior parte destes relatos tivesse simplesmente sido redigida antes, o que explicaria muito bem que eles reproduzissem incorrectamente os acontecimentos, previstos nas suas grandes linhas, mas cujos pormenores miúdos não podiam ser profetizados¹⁵. Nada seria mais instrutivo do que um bom estudo, apoiado por exemplos concretos, sobre a imprensa de guerra, as suas tendências, os seus processos de composição, a sua acção¹⁶. Os trechos escolhidos de M. Lucien Graux não nos dão nada de semelhante. Falta a crítica das fontes.

As falsas notícias são confusamente enumeradas, sem outra ordem além de uma sucessão cronológica bastante frouxa, retaguarda e frente misturam-se. A bem dizer, no conjunto a frente aparece bastante pouco; a sua fecundidade em belos relatos é ignorada¹⁷, as condições especiais que a vida nas trincheiras impunha à propagação das informações de toda a ordem não são descritas em parte alguma. De uma maneira geral, não é feito qualquer esforço de análise dos meios onde nascem e se difundem os boatos. Que diríamos de uma investigação sobre a lenda napoleónica que deixasse de parte os bufarinheiros, ou sobre as tradições medievais que ignorasse o papel desempenhado numa sociedade ainda pouco densa pelos jograis, os peregrinos, os mercadores, os monges vagabundos? Dir-se-ia que passavam ao lado dos problemas essenciais. É o que há também a dizer sobre este livro *Les Fausses Nouvelles de la Grande Guerre*, onde o vivandeiro, o agente de ligação, o vagemestre, «toda a gatinha errante das estradas, dos ca-

minhos e veredas»¹⁸ — onde o permissionário, elo vivo entre a alma lendária da frente e a da retaguarda, quase não se mostram e não vêem em parte alguma a sua acção estudada com seriedade.

À rebarbativa obra de M. Lucien Graux opõe-se agradavelmente o ensaio de M. Albert Dauzat, *Légendes, prophéties et superstitions de la guerre*¹⁹. Este simpático volumezinho aparece aqui por uma razão. Os ritos supersticiosos originados pela guerra ou por ela renovados merecem um estudo à parte; não tocarei aí no presente artigo. M. Dauzat confere-lhes um lugar importante. Consagra às falsas notícias propriamente ditas apenas uma centena de páginas. Relativamente às lendas ou mesmo às superstições, a sua atitude recorda em muitos casos a dos filósofos do século XVIII: como eles, gosta de as considerar não tanto frutos naturais da alma popular, mas sim ficções habilmente inventadas por pessoas engenhosas no desígnio de inclinar no sentido das suas posições a opinião pública ou muito simplesmente, se se tratar de certos fétiches, como o casal ilustre, Nénette e Rintintin, para lançar um comércio²⁰. Se nos limitássemos a consultar certos espíritos românticos julgaríamos que na formação das lendas é tudo espontaneidade e inconsciente, mas é bom que, de vez em quando, um céptico venha recordar-nos que tem havido neste mundo mentirosos hábeis que conseguiram impor-se às massas. Lê-se M. Dauzat com prazer, como quem escuta um conversador brilhante que desfia os seus pensamentos e os comenta com elegância. Diverte sempre, leva a reflectir muitas vezes. Não lhe peçamos pesquisas aprofundadas, apoiadas numa crítica séria das fontes. Ele preferiu aflorar os problemas, em vez de os esmiuçar.

Assim sendo, não surpreende que os temas imensos que o doutor Lucien Graux e M. Dauzat escolheram não tenham sido tratados por eles, na sua vastidão, com todo o rigor que temos o direito de esperar de obras históricas. Só é possível uma grande síntese depois de umas boas monografias terem preparado a matéria. O que nos falta, de momento, sobre as falsas notícias da guerra, são os estudos de pormenor, cuidados e limitados: casos típicos tomados isoladamente, ou ciclos lendários, bem determinados, seguidos da sua génese e ramificações. Foi o que procuraram dar-nos dois autores, formados nos bons métodos, um historiador inglês, M. Oman, um sociólogo belga, M. van Langenhove.

Presidente, em 1918, da Real Sociedade de História, M. Oman foi chamado a pronunciar em sessão plenária, a alocução da praxe; escolheu para tema a falsa

notícia, ou melhor, para usar as suas próprias palavras, esforçou-se por «ilustrar a psicologia do Boato pelo exame de incidentes que tiveram lugar durante a presente guerra»²¹. Encontraremos nesta curta dissertação, a par de observações gerais muitas vezes penetrantes, mas um pouco apressadas, um estudo mais aturado sobre uma lenda célebre: a dos reforços russos.

Recorde-se este boato que, pelo final de Agosto de 1914, se espalhou pela Grã-Bretanha e pela França, como quem acende um rastilho: Russos às dezenas de milhar desembarcam, segundo uns nos portos escoceses, segundo outros em Marselha, vindo engrossar as fileiras dos Aliados ocidentais. Tanto quanto posso ajuizar, era uma falsa notícia da retaguarda; ignoro se, em certos pontos, chegou até aos exércitos; não creio que tenha tido neles a sua origem. M. Oman analisa muito bem o estado de alma que nela se exprime: desejo apaixonado de ver reforçar a frente, pela qual se temia — prestígio da Rússia, concebida pelo pensamento popular e descrita pela imprensa como um inesgotável reservatório de homens. Mas qual foi o incidente inicial de que nasceu o erro? O piparote, se assim me posso exprimir, que pôs a vibrar as imaginações? As hipótese que M. Oman, não sem hesitações, propõe a este respeito — presença em Edimburgo de oficiais do Estado-Maior russo, em Liverpool de reservistas russos, chegados da América — só em parte me satisfazem; ou, melhor dizendo, calculo que uma única hipótese não bastará. M. Oman parece ignorar que a falsa notícia correu pela França tal como pela Inglaterra e, ao que parece, na mesma altura. E esse é, a meu ver, o facto crucial.

Houve passagem de um país para o outro? Investigações pormenorizadas permitiriam talvez responder com alguma certeza; uma comparação cronológica entre as testemunhas inglesas e francesas constituiria o nó do debate; dever-se-ia também tentar determinar se o boato apareceu, em França, primeiro nas regiões em contacto directo com o exército britânico. Não pude fazer este trabalho. Mas tenho a impressão de que a lenda, muito longe de ter passado a Mancha, nasceu espontaneamente ao mesmo tempo em França e em Inglaterra e, provavelmente, ao mesmo tempo em diversos pontos tanto do território francês como do inglês. A psicose colectiva era em toda a parte a mesma: os incidentes que, em cada caso particular, deram azo a falsos relatos, com pormenores diferentes, revelam plausível semelhança nos seus traços essenciais: era ver uniformes pouco habituais, era uma língua desconhecida falada por soldados estrangeiros. Impressões cor-

rectas por princípio, mas mal interpretadas — unanimemente deformadas para condizerem com os ardentes desejos de todos — deve ter sido essa a origem da falsa notícia dos russos, como de tantas outras.

Chego finalmente ao estudo de M. Fernand van Langenhove: *Comment naît un cycle de légendes, Francs-Tireurs et atrocités en Belgique*²². Não se consegue lê-lo sem emoção; em qualquer época, o rigor do seu método e a rara inteligência psicológica que aí brilha fazem dele uma obra de escol; mas o que o torna realmente admirável é ter sido escrito em 1917 por um belga. Se a lenda dos franco-atiradores, em vez de ser desse tempo e como que manchada de um sangue ainda muito fresco, tivesse sido um desses velhos mitos inocentes que fazem sorrir os folcloristas, M. van Langenhove não teria falado dela com mais proibidade e calma. A profunda boa fê que anima este livrinho não apenas lhe deu, no momento em que foi redigido, uma força persuasiva que a mais consumada arte oratória não pode igualar, como o elevou acima das circunstâncias em que nasceu; entre as obras de psicologia colectiva, o seu lugar é dos primeiros.

M. van Langenhove quis consultar apenas fontes alemãs: testemunhos de soldados, artigos de jornais, processos oficiais. A maior parte destes textos tinham já sido reunidos antes dele, na própria Alemanha. A partir dos primeiros combates, quando se espalharam entre as tropas atacantes e a retaguarda estes relatos atrozes que, segundo a palavra forte do *Hannoversche Courier* fazem parecer os «belgas dos dois sexos animais de sangue alterado», nesta sinfonia discordante de boatos e imposturas, nota-se que um tema se desenhava acima do conjunto com traços mais nítidos: à cabeça dos espiões, dos franco-atiradores, dos que massacravam feridos, dos incendiários, a imaginação da soldadesca colocava os padres. Os católicos alemães comoveram-se; esta lenda anticlerical que ameaçava sublevar contra eles, no seu próprio país, ódios temíveis não podia deixar ninguém indiferente. Donde as investigações, como a realizada pelo gabinete Pax, de Colónia, e o livro de um jesuíta, já conhecido por obras históricas semelhantes, o Pe. Duhr: *Der Lügegeist im Volkskrieg*. Não era o amor pela verdade absoluta que inspirava estes trabalhos; que a população belga no seu todo fosse culpada ou tivesse sido injustamente caluniada, não era essa a questão. Bastava que o clero fosse reconhecido inocente: uma vez vingada a honra dos padres, nada mais importava. Mas, num ciclo de erros, tudo se segura; se se tirar uma pedra, vem o edifício todo abaixo. M. van Langenhove tomou das mãos dos apologistas ale-

mães os documentos que recolhera e que, na ideia deles, deviam servir apenas interesses rigorosamente confessionais; e deu-lhes um emprego mais vasto. Classificando-os com método, esforçando-se por determinar-lhes a filiação, submetendo-os, numa palavra, às regras de uma crítica sagaz soube, graças a eles, esclarecer plenamente todo o grupo de lendas que se propunha estudar.

Um livro assim, cuja força reside toda na precisão do instrumento crítico e na finura das análises, não se deixa resumir. Mas podemos tentar destacar dele os resultados principais, que são de alcance muito geral. Quando comparamos as múltiplas imagens fornecidas por M. van Langenhove vemos, na coincidência dos seus traços fundamentais, surgir como que um desenho esquemático da falsa notícia de «atrocidades»; reproduzir este esquema é o que gostaria de tentar aqui. Claro que me dedico apenas à falsa notícia sincera; no ciclo hão-de ter tido lugar meras mentiras; mas a impostura consciente de si não apresenta nada de muito curioso aos olhos do historiador ou do psicólogo²³.

Na origem vamos encontrar uma alma colectiva. O soldado alemão que, ainda a guerra mal começava, já entra na Bélgica, acaba de ser repentinamente arrancado ao campo, à sua oficina, à sua família ou pelo menos à vida regrada da caserna; deste desenraizamento súbito, deste brusco dilacerar dos vínculos sociais essenciais nasce uma grande perturbação moral. As marchas, o mau alojamento, a noite sem dormir fatigam em extremo os corpos, que ainda não tiveram tempo de se adaptar a estas duras provações. Combatentes noviços, os invasores são tomados de terrores tanto mais fortes quanto permanecem necessariamente muito vagos: «Os nervos tensos, a imaginação sobreexcitada, o sentido do real abalado²⁴». Ora estes homens foram alimentados de relatos referentes à guerra de 1870; desde a infância que lhes encham os ouvidos com as atrozes façanhas atribuídas aos franco-atiradores franceses; e estes contos foram divulgados pelo romance e pela imagem; obras militares conferiram-lhes uma espécie de garantia oficial; mais que um dos manuais que os graduados levam nos seus sacos ensina como devem conduzir-se perante os civis rebeldes, o que quer dizer que os haverá. A resistência das tropas belgas, a hostilidade da população belga espantam profundamente o alemão comum, que pensava fazer guerra apenas aos Franceses; é raro o que conhece a resposta do governo de Bruxelas ao ultimato de 2 de Agosto; e se a conhece, não a compreende; a sua surpresa transforma-se facilmente em indignação; e está pronto a crer capaz de tudo o povo que ouse erguer-

-se diante da nação eleita. Acrescente-se ainda que nos espíritos perpassam, no estado de recordações inconscientes, um sem-número de velhos motivos literários — todos esses temas que a imaginação humana, no fundo muito pobre, repisa sem cessar desde a aurora dos tempos: histórias de traições, de envenenamentos, de mutilações, de mulheres que vazam os olhos dos guerreiros feridos, que outrora aedos e trovadores cantavam e hoje os folhetins e o cinema popularizam, tais são as disposições emotivas e as representações intelectuais que preparam a formação de lendas; tal é a matéria tradicional que há-de fornecer à lenda os seus elementos.

Para que a lenda nasça, bastará então um acontecimento fortuito: uma percepção inexacta ou, melhor ainda, uma percepção inexactamente interpretada. Eis, entre vários, um exemplo característico²⁵. «Praticam-se aberturas estreitas, fechadas por meio de placas móveis de metal, na maior parte das fachadas das casas na Bélgica.» São «buracos na construção destinados a fixar os andaimes dos estucadores ou pintores de fachadas», correspondentes ao dispositivo de ganchos que, noutras regiões, preenche a mesma função. Este hábito da construção é, ao que parece, típico da Bélgica ou, pelo menos, é desconhecido na Alemanha. O soldado alemão nota as aberturas; não compreende a sua razão de ser; procura uma explicação. «Ora ele vive no meio de imagens de franco-atiradores... que explicação imaginária que não lhe fosse sugerida por esta ideia fixa?» Os olhos misteriosos que perfuram as fachadas de tantas casas são seteiras. Há muito preparados para uma guerra de guerrilha e de emboscada, os Belgas mandaram-nas fazer, como diz uma brochura vendida, imagine-se, em benefício da Cruz Vermelha, a «técnicos especialistas»: este povo não é apenas homicida, é um povo de assassinos premeditados. Assim uma inocente particularidade arquitectónica passa por prova de um crime sabiamente amadurecido. Suponhamos agora que numa aldeia assim construída se perdem umas balas, idas sabe-se lá de onde. Como não pensar que foram disparadas através das «seteiras»? Deve ter sido o que se pensou em muitos casos; e as tropas justificaram de imediato as casas traidoras e os seus habitantes²⁶.

Outras conjecturas da mesma sorte acarretaram castigos igualmente justificados. Ora (este é um ponto que parece ter escapado a M. van Langenhove), a partir do momento em que o erro faz correr sangue encontra-se definitivamente instalado. Homens animados de uma cólera cega e brutal, mas sincera, tinham

incendiado e fuzilado; importava-lhes agora conservar uma fé perfeitamente firme na existência de «atrocidades», pois só ela poderia dar ao seu furor uma aparência equitativa; é lícito supor que a maior parte deles teriam recuado de horror se chegassem a reconhecer o profundo absurdo dos terrores pânicos que os haviam levado a cometer actos tão horríveis; mas nunca reconheceram nada de semelhante. Ainda hoje a Alemanha no seu todo está provavelmente convencida de que os seus soldados caíram em grande número vítimas dos pontos de mira belgas, convicção tanto mais inquebrantável quanto se recusa a qualquer exame. É fácil acreditar naquilo em que se precisa de acreditar. Uma lenda que inspire actos com repercussões e sobretudo acções cruéis é bem capaz de ser indestrutível.

Todas estas falsas notícias se formaram nos próprios exércitos, debaixo de fogo. M. van Langenhove demonstrou bem como se transmitiram ao interior do país: de início, em primeira mão, pelas cartas dos combatentes e pelos relatos dos feridos; e quem, nesses primeiros dias de guerra, ousaria desdizer um soldado atingido no campo de batalha? Depois, em segunda mão, pelos relatos dos jornalistas e das enfermeiras. E claro que, ao passar de uns para outros, não deixava de se ampliar e de se enfeitar; sobretudo os meios da retaguarda, mais reflectidos, muitas vezes mais instruídos, elaboraram-nas de maneira a coordená-las melhor entre si e a conferir-lhes uma espécie de carácter racional. Estranhava-se por vezes que esses Belgas, de aparência tão bondosa, se tivessem revelado tão maus; até se encontrou um erudito para demonstrar que todas as atrocidades dos franco-atiradores estavam já, para quem soubesse ler, inscritas potencialmente na arte flamenga²⁷. Uma unidade profunda animava já todas estas lendas, nascidas na frente, de um estado de alma comum: o espírito da burguesia alemã, metódica e um tanto pedante, fez delas um sistema de enganos bem construído e baseado na história²⁸.

III

Gostaria agora de, apoiando-me nas obras que acabam de ser analisadas e na minha experiência pessoal, apresentar algumas observações rápidas relativamente às falsas notícias da guerra e aos problemas que a esse respeito se colocam.

Vamos primeiro a uma falsa notícia cuja génese eu próprio pude observar

muito bem. Tem pouca amplitude e reduzido alcance; uma pequena lenda, modesta e quase insignificante; mas — como muitas vezes são em toda a espécie de ciência os casos muito simples — parece-me perfeitamente típica.

Corria o mês de Setembro de 1917. O regimento de infantaria de que eu fazia parte ocupava, no planalto do Chemin-des-Dames, a norte da vila de Braisne²⁹, o sector chamado de Epine-de-Chevregny. Ignorávamos quais as unidades que se encontravam na nossa frente; era preciso sabê-lo, pois o comandante, que preparava nesse momento, na mesma região, o ataque a Malmaison, não podia admitir lacunas nos seus conhecimentos sobre o plano de batalha do inimigo. Recebemos ordens de fazer prisioneiros. Montou-se uma acção, uma dessas acções de luxo como então se organizavam, com grande reforço de artilharia de todos os calibres; e nas ruínas de um pequeno posto alemão, esmagado pelos obuses, a tropa de assalto surpreendeu efectivamente e trouxe para as nossas linhas uma sentinela. Tive ocasião de interrogar este homem; era um soldado de uma classe já idosa, reservista, claro, na vida civil burguês da velha cidade hanseática de Bremen. Depois partiu para a retaguarda com boa escolta; e nós pensámos nunca mais ouvir falar dele. Pouco tempo depois, foi chegando aos nossos ouvidos uma curiosa história; contavam-na artilheiros, condutores dos abastecimentos. Dizia mais ou menos o seguinte: «Estes Alemães! Que organização maravilhosa! Tinham espiões em toda a parte. Fizeram um prisioneiro em Epine-de-Chevregny e que encontraram? Um indivíduo que, em tempo de paz, estava estabelecido como comerciante a alguns quilómetros dali, em Braisne³⁰.»

Aqui, o incidente primordial que esteve na origem da falsa notícia surge com evidência. É o nome de Bremen mal entendido, ou melhor, é — por um trabalho de interpretação inseparável da própria percepção — a substituição, no espírito de auditores que não sabiam nada de geografia, do som correcto, para eles desprovido de todo o significado, por um som análogo, mas rico de sentido, uma vez que designava uma vila de todos conhecida. A este primeiro esforço de interpretação depressa se juntou um segundo: um comerciante que, depois de ter tido loja em França, reaparecia de repente na roupagem de um praça inimigo só podia ser um espião; e como, em geral, os Alemães eram tidos por capazes de todas as astúcias, a notícia assim formada facilmente encontrou aceitação e alastrou como mancha de óleo. A bem dizer, esta segunda conclusão estava já implícita no engano original. Ninguém em França duvidava de que os Alemães ti-

vessem, em tempo de guerra, envolvido o nosso país numa rede de espionagem prodigiosa. Esta ideia encontrava apoio num número infelizmente bastante grande de observações correctas; mas as informações exactas tinham sido estranhamente aumentadas e dramatizadas pela voz popular; durante os meses de Agosto e Setembro de 1914, o desejo de explicar por causas extraordinárias as nossas primeiras derrotas fizera retinir por toda a parte acusações de traição; pouco a pouco, a crença tomara-se uma espécie de dogma que quase não contava infieis. Por momentos, as tropas andaram como que assombradas. Coisa que então muito se viu foi tomarem por sinais suspeitos as mais inocentes luzes ou até (garanto a história) as sombras intermitentes produzidas nas janelas de um campanário pelo voo desigual de um casal de corujas. Andava tudo à espreita do que pudesse confirmar um preconceito tão comum. Habitualmente, pessoas pouco instruídas não se preocupam em compreender ou não compreender um nome geográfico. Se foi entendido Braisne em vez de Bremen, foi provavelmente porque muitos soldados tendiam inconscientemente a deformar os relatos que lhes chegavam aos ouvidos, para os pôr de acordo com uma opinião geralmente aceita que delectava a imaginação romântica das multidões.

Uma vez mais encontramos aqui um facto importante para que parecem levar-nos todos os trabalhos relativos às lendas de guerra. É conclusão generalizada que os estudos futuros deverão talvez tomar como ideia directriz, para verificarem se se aplica em todos os casos. Podemos formulá-la como segue: uma falsa notícia nasce sempre de representações colectivas que preexistem ao seu nascimento; só na aparência é fortuita, ou, mais precisamente, tudo o que em si tem de fortuito é o incidente inicial, absolutamente um qualquer, que desencadeia o trabalho das imaginações, mas esta agitação só tem lugar porque as imaginações estão já preparadas e fermentam surdamente. Um acontecimento, uma má percepção, por exemplo, que não tenha o sentido para onde já pendem os espíritos de todos, poderia quando muito constituir a origem de um erro individual, mas não de uma falsa notícia popular e largamente difundida. Se me é permitido utilizar um termo a que os sociólogos deram um valor a meu ver demasiado metafísico, mas que é cómodo e afinal rico de sentido, a falsa notícia é o espelho onde a «consciência colectiva» contempla o seu próprio rosto.

As razões que determinam que a guerra seja tão fecunda em falsas notícias são para a maior parte das pessoas tão evidentes que não vale a pena insistir nisso.

Nunca será de mais dizer até que ponto a emoção e a fadiga destroem o sentido crítico. Lembro-me de que, nos últimos dias da retirada, quando um dos meus superiores me anunciou que os Russos bombardeavam Berlim, não tive coragem de rejeitar esta imagem sedutora; sentia vagamente o seu absurdo e tê-la-ia por certo rejeitado se tivesse sido capaz de reflectir; mas era demasiado agradável para que um espírito deprimido num corpo cansado tivesse a força de não a aceitar. A dúvida metódica é normalmente sinal de boa saúde mental; por isso é que soldados acossados, com o coração perturbado, não podiam praticá-la.

O papel da censura foi considerável. Não só, durante todos os anos da guerra, amordaçou e paralisou a imprensa, como a sua intervenção, de que se suspeitava mesmo quando não a havia, fazia com que se tornassem incríveis aos olhos do público até as informações verídicas que ela deixava filtrar. Como muito bem disse um humorista: «Prevalecia nas trincheiras a opinião de que tudo podia ser verdade com excepção do que deixavam imprimir³¹.» Donde — nesta carência de jornais, a que se juntava na linha de fogo a incerteza das relações postais, mediocrementemente regulares e que se presumia vigiadas — uma renovação prodigiosa da tradição oral, mãe antiga das lendas e dos mitos. Por um golpe ousado que nunca o mais audacioso dos experimentadores teria sonhado, a censura, ao abolir os séculos escoados, devolveu o soldado da frente aos meios de informação e ao estado de espírito das eras passadas, antes do jornal, antes da folha com notícias impressas, antes do livro³².

Vimos há pouco como um dia, por obra da imaginação estimulada por relatos de espionagem, um burguês de Bremen se transformou em espião traiçoeiramente estabelecido em Braisne. Onde começou a operar-se esta transfiguração? Não precisamente na linha de fogo, mas um pouco mais longe do inimigo, nas baterias, nas colunas, nas cozinhas. Foi desta relativa «retaguarda» que o boato veio até nós. Tal é o caminho seguido quase sempre pelas falsas notícias. A razão para tal surge claramente: as falsas notícias só nascem onde puderem encontrar-se homens vindos de grupos diferentes. Não podemos imaginar existência mais isolada do que a do soldado dos postos avançados, pelo menos durante a guerra de posições. Os indivíduos, é certo, não viviam sozinhos; mas estavam divididos em pequenas fracções muito separadas umas das outras. Deslocar-se era normalmente arriscar a morte; aliás, o soldado não tinha o direito de se mexer sem ordem. A história deve ter conhecido sociedades assim dispersas, onde o contacto entre

as diferentes células sociais se fazia rara e dificilmente — em épocas diversas pelos mendigos, os frades mendicantes, os vendedores ambulantes, mais regularmente nas feiras e nas festas religiosas. O papel dos vendedores ambulantes ou dos vagabundos de toda a espécie, viajeiros intermitentes cuja passagem escapava a todas as previsões, era desempenhado na frente pelos agentes de ligação, os telefonistas que reparavam as linhas, os observadores de artilharia, todas as pessoas importantes que os graduados interrogavam avidamente, mas que conviviam pouco com os simples soldados rasos. As comunicações periódicas, muito mais importantes, eram necessárias por causa da alimentação. A «ágora» deste pequeno mundo das trincheiras foram as cozinhas. Aí, uma ou duas vezes por dia, os fornecedores vindos de diferentes pontos encontravam-se e conversavam entre si ou com os cozinheiros; estes, habitualmente, sabiam muito, pois tinham o raro privilégio de poderem quotidianamente trocar algumas palavras com os condutores do comboio do regimento, homens felizes que por vezes se acantonavam na vizinhança dos civis. Assim, por momentos, em redor das fogueiras ao ar livre ou das cozinhas «sobre rodas», estabeleciam-se, entre meios singularmente dissemelhantes, vínculos precários. Depois os faxinas disseminavam-se pelas pistas ou pelos caminhos e levavam para as linhas, nas suas marmitas, as falsas informações prontas a serem reelaboradas. Num mapa da frente, um pouco atrás dos riscos entrelaçados que desenhavam, nos seus infinitos meandros, as primeiras posições, podia-se sombrear a tracejado uma zona contínua: seria a zona de formação das lendas³³.

Em suma, uma sociedade muito fluida em que as ligações entre os diversos elementos que a compunham se faziam rara e imperfeitamente, não de um modo directo, mas apenas por intermédio de certos indivíduos especializados, assim nos surgia aquilo a que podemos chamar a sociedade das trincheiras. Também nisso, como em tudo o que toca à preponderância da tradição oral, a guerra nos deu a impressão de nos levar para um passado muito recuado. Ora parece que esta constituição social terá singularmente favorecido a criação e expansão das falsas notícias. Relações frequentes entre pessoas tornam fácil a comparação entre os diferentes relatos e por isso mesmo excitam o sentido crítico. Pelo contrário, acredita-se firmemente no narrador que vem com grandes intervalos de regiões distantes ou tidas como tais, por caminhos difíceis³⁴. Há aqui indicações que os historiadores terão vantagem em levar em conta.

Estudar a acção dos diferentes meios nas diferentes épocas da guerra sobre o nascimento, difusão, transformação dos relatos parece ser uma das tarefas mais importantes que hoje se oferecem às pessoas curiosas de psicologia colectiva. A guerra de posições teve as suas falsas notícias; a guerra de movimentação teve as suas, que talvez não fossem do mesmo tipo. Os enganos da retaguarda e os da frente não foram nada parecidos. Em cada um dos exércitos aliados ou inimigos, difundiu-se um folclore especial. Vimos, é certo, algumas lendas dotadas de uma vitalidade muito forte atravessarem os mais diversos grupos sociais; mas, a cada passagem, coloriam-se de tons novos. Nada seria mais instrutivo do que seguir as suas peregrinações. Entre elas, as mais notáveis foram talvez as que se relacionavam certos indivíduos cujos actos ou situação tornavam particularmente propícios para impressionar a imaginação comum. Em torno destas figuras, carregadas, aos olhos do povo, umas de glória, as outras de opróbrio, desenvolveu-se um prodigioso florescimento de representações míticas. O *kronprinz*, por exemplo, teve o seu ciclo, na Alemanha e, ao que parece, também em França. Quem escreve a vida lendária do *kronprinz* alemão³⁵?

Mas, de momento, a tarefa mais urgente é recolher os materiais. É tempo de abrir uma investigação séria sobre as falsas notícias da guerra, pois os quatro anos terríveis recuaram já suficientemente no passado e, mais cedo do que pensamos, as gerações que os viveram vão pouco a pouco começando a desaparecer. Quem pôde e soube ver deve agora reunir as suas notas ou passar a escrito os seus relatos. Sobretudo, não deixemos o cuidado desta pesquisa a quem não tiver preparação para o trabalho histórico. Em tal matéria, as observações verdadeiramente preciosas são as que emanam de pessoas treinadas nos métodos críticos e habituadas a estudar os problemas sociais. A guerra, disse-o atrás, é uma imensa experiência de psicologia social, consolarmo-nos dos seus horrores felicitando-nos pelo seu interesse experimental seria afectar um diletantismo de mau tom. Mas, uma vez que ele teve lugar, convém empregar os seus ensinamentos, dando o melhor da nossa ciência. Apressemos-nos a tirar vantagens de uma ocasião que a nossa esperança quer única.

Notas

1. A «literatura» da psicologia do testemunho é já considerável; e como é sobretudo constituída por artigos de revistas dispersos em numerosos periódicos, é difícil de consultar e de seguir. A obra de J. Varendonck *La Psychologie du témoignage*, in-8°, Gand, 1914, desprovida de ideias originais, constitui um guia cómodo e encerra uma boa bibliografia. Cf., na *Revue de synthèse historique* os artigos de A. Fribourg, XII (1906), p. 262, e XIV (1907), p. 158. A revista *Folklore* (XXXI, 1920, p. 30) publicou um interessante artigo de F. C. Bartlett intitulado: «Some experiments on the reproduction of Folk-Stories (from the psychological laboratory, University of Cambridge)». Não pude ler G. Belot, «Comment observent jeunes et vieux», *Bulletin de la Société Alfred Binet*, 1919.
2. Cf. Salomon Reinach, «Gilles de Rais» em *Cultes, Mythes et Religions*, t. IV, p. 266; cf. *ibid.*, p. 319. M. Ch. V. XXX crê, como M. Reinach, na inocência de Gilles de Rais; ver a sua «Notice sur M. Noël Valois», *Comptes rendus de l'Académie des Inscriptions*, 1918, p. 156.
3. *S. Bernardi Vita*, I, c. IV, 20; Migne, t. 185, col. 238.
4. *Revue de synthèse*. XIV, p. 158. Convém acrescentar que S. Bernardo parece que era mesmo mais distraído do que o comum das pessoas; aconteceu-lhe, conta-se, andar uma tarde inteira junto ao Léman sem disso se aperceber. O facto é mencionado pelo abade E. Vacandard na sua *Vie de saint Bernard*, I, p. 60, com uma referência falsa que não pude identificar.
5. Claro que uma testemunha do passado, como uma testemunha de hoje merece, em geral, crédito quando descreve determinado objecto, fácil de aperceber, para o qual a sua atenção foi especialmente chamada, mas não quando descreve o conjunto do meio material onde se desenrola a acção que relata.
6. Esta passagem sobre S. Bernardo e as experiências do Dr. Claparède encontram-se, em termos muito semelhantes, em *Apologie pour l'histoire...*, p. 133 e 268.
7. A recensão foi feita por Jafa, «Ein psychologischer Experiment in Kriminalseminar der Universität Berlin», *Beiträge zur Psychologie der Aussage*, I (1903), p. 79, cf. Varendonck, p. 42 ss.
8. O que acabo de dizer só se aplica, entenda-se, àqueles trabalhos dos psicólogos que se apoiam em experiências montadas por eles. Os historiadores curiosos de conhecer melhor o mecanismo da falsa notícia, pelo contrário, encontrarão muita coisa nas observações de certos psicólogos sobre factos sociais reais. Consulte-se, por exemplo, com grande proveito um texto notável de M. J. Varendonck, «Les témoignages d'enfants dans un procès retentissant», *Archives de Psychologie*, XI (1911), reproduzido em *Psychologie du témoignage*, p. 147 ss; estas páginas ler-se-ão com tanto mais prazer quanto aí se vê como os métodos críticos são podem salvar uma cabeça inocente; e — embora se trate essencialmente de testemunhos infantis e, por conseguinte, de um aspecto um pouco particular do grande problema do testemunho — encontrar-se-ão várias indicações interessantes sobre a génese dos enganos colectivos.
9. Citado por E. van Langenhove, *Comment naît un cycle de légendes*.
10. Os autores de obras relativas à psicologia do soldado, como Huot e Voivenel, *La Psychologie du soldat*, in-12°, Paris, 1918, ou Georges Bonnet, *L'Ami du soldat*, in-12°, Paris, 1917, na generalidade deixaram completamente de lado o aspecto da psicologia de guerra que nos interessa aqui. As indicações dadas por G. Lebon, *Enseignements psychologiques de la guerre européenne*, in-12, Paris, 1916, são de todo insuficientes. — Um financeiro alemão, William-Levis Hertslet, publicou, pela primeira vez, em 1882, sob o título *Der Treppenwitz der Welt*

- geschichte* («O espírito da escada na história universal») uma espécie de *corpus* dos erros históricos correntes. Desde então, têm sido feitas novas edições revistas e aumentadas. A 9ª ed., in-8º, Berlim, 1918, devida aos cuidados do Dr. Helmut, encerra um capítulo intitulado «Der Weltkrieg»; é curto e perfeitamente insignificante. O Dr. Helmut assinala aí o aparecimento, em 1917, de uma revista intitulada: *Archiv für Kriegsselenkunde* dimanada do seminário de ciência e literaturas (*Literaturwissenschaftliche Seminar*) da universidade de Kiel; não pude consultá-la.
11. Esta frase encontra-se, numa formulação quase idêntica, na primeira redacção de *Apologie pour l'histoire...*, p. 267; assim como na redacção definitiva, onde Aristóteles substituiu Cícero (p. 131).
 12. V. p. 384, nota.
 13. *Ibid.*, p. 414, n. 2.
 14. VII, p. 375.
 15. Bolo devia ser fuzilado a 6 de Abril de 1917; houve adiamento no último momento e a execução diferida só teve lugar a 17. Ora, a crer em M. Graux (p. 414, n. 2), vendeu-se a 6 «uma edição especial que dava todos os pormenores do que iria passar-se onze dias mais tarde». Infelizmente o facto é citado sem referências, o que torna difícil a verificação; uma edição especial, de que jornal? Esta negligência é deplorável, pois é de crer que teríamos aí uma prova perfeitamente clara do hábito da imprensa que mencionei acima. É evidente que tal aventura tem que ser considerada um caso extremo, um caso limite. Um bom director de jornal teria mandado escrever o relato antecipadamente para poder lançá-lo mais cedo; mas antes de o publicar esperaria pelo menos por uma confirmação do evento. Suponho que, de ordinário, as coisas se passam assim: os repórteres, preocupados em estarem prontos o mais rapidamente possível, redigem de antemão; chegam ao terreno com o «papel» já feito; depois de terem observado, modificam-no, se for caso disso, nos pontos importantes, mas provavelmente sem nunca tocarem nos pormenores acessórios, considerados indispensáveis à «cor»-da narrativa, mas cuja falsidade não choca ninguém, uma vez que ninguém, ou quase, a identificará. Eis pelo menos o que imagino, talvez esteja errado. Seria extremamente útil que um jornalista nos desse um bom estudo, sério e sincero, sobre os processos da reportagem: nada importa mais à crítica das fontes, tal como se impõe à história contemporânea.
 16. O exemplo de Bolo, a reflexão sobre os hábitos dos jornalistas e o desejo de ver um dia um estudo sobre a imprensa são retomados num texto que julgo muito mais incisivo em *Apologie pour l'histoire...*, p.131-132 e 267.
 17. Destaquemos uma passagem que me parece inteiramente incorrecta: «...o praça, os oficiais sofriam o efeito, benfazejo ou nocivo, da falsa notícia, mas quase sempre esta falsa notícia que alimentava as suas conversas tinha nascido ali perto, na terra acabada de remexer, num buraco de obus... O mesmo é dizer que ela provinha, não do que se poderia chamar as grandes directorizas da guerra, mas de considerações e de questões localizadas que evoluíam livremente no campo visual do soldado» (II, p. 249). Creio que o «campo visual do soldado» era muito mais vasto do que M. Graux pensa.
 18. Jérôme e Jean Tharaud, *La Relève*, p. 3.
 19. in-12, Paris, s.d.
 20. Ver em especial o capítulo V (p. 113 ss.) intitulado: «Légendes utilitaires religieuses et politiques» e p. 250. Preciso de acrescentar de M. Dauzat nunca pensou poder explicar todas as lendas desta maneira? Quis apenas indicar uma tendência intelectual.
 21. C. W. Oman, *Presidential Adress. Transactions of the Royal Historical Society. Fourth Series*, I (1918), p. 1-27. Uma parte do texto de M. Oman é consagrada à lenda supersticiosa, ou talvez puramente literária, dos «Anjos de Mons»; cf. Dauzat, *loc. cit.*, p. 32.
 22. In-8º, Paris, 1916. Aí se encontrará uma análise (publicada antes até do aparecimento do livro) por F. Passelecq com o título: «Un cycle de légendes allemandes, Francs-Tireurs et atrocités belges», *Le Correspondant*, 25 de Dezembro de 1915, p. 997.
 23. Em contrapartida, nada mais curioso do que ver uma mentira ter por ponto de partida um erro espontâneo. Um bom exemplo desta transformação de um engano sincero em impostura é talvez fornecido, fora da Bélgica, pela história do «avião de Nuremberga». A declaração de guerra remetida a 3 de Agosto de 1914 ao presidente do Conselho francês pelo embaixador da Alemanha invocava, entre outros pretextos, o seguinte: um aviador francês teria «lançado bombas sobre o caminho de ferro perto de Karlsruhe e de Nuremberga» (*Livre jaune*, p. 131). É sabido que muito tempo depois o município de Nuremberga desmentiu este absurdo (cf. Fernand Roche, *Manuel des origines de la guerre*, p. 275, n. 2). Ninguém irá pensar que o governo alemão, tendo na mão todos os meios de verificação, tenha acreditado. Mas a mentira talvez não tenha nascido inteiramente no cérebro do estadista inventivo; podemos supor que tenha tido origem numa falsa notícia popular. Não é impossível, com efeito, que um avião francês, durante uma viagem pacífica empreendida muito antes da declaração de guerra, tenha, a 1 de Agosto de 1914, muito inocentemente, sobrevoado Nuremberga (cf. *Le Temps*, 9 de Outubro de 1919). A coisa não é completamente certa: foi negada; impor-se-ia um pequeno inquérito crítico. Se daí resultasse a exactidão do facto, poder-se-ia tirar uma conclusão interessante. Não há dúvida de que, se os habitantes de Nuremberga tivessem visto, a 1 de Agosto de 1914, surgir no céu um avião francês, teriam temido seriamente que lançasse bombas; daí a acreditar que na realidade o fez vai apenas um passo que os espíritos sobreexcitados pelas emoções de uma guerra próxima certamente deram. A falsa notícia forçosamente chegou aos ouvidos dos governantes em Berlim. Aí, terá parecido pouco verosímil; mas em vez de a verificarem, preferiram servir-se dela. A imaginação é uma qualidade menos vulgar do que se pensa por vezes; muitos mentirosos têm pouca e a mentira muitas vezes consiste provavelmente em reproduzir, sabendo-o falso, um relato sinceramente enganado. (O exemplo do episódio do avião de Nuremberga, contado de uma maneira muito mais condensada, é retomado em *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien...*, p. 132 e 267.)
 24. Cf. Van Langenhove, p. 117.
 25. *Ibid.*, p. 185 ss.
 26. O exemplo das aberturas nas paredes das casas belgas é retomado, de um modo mais sumário, em *Apologie pour l'histoire...*, p. 137 e 271.
 27. O professor B. Händecke, de Königsberg, num artigo intitulado: «Die belgischen Franktireurs und die Kunst Belgiens», em *Nationale Rundschau*, I (1914-15). Cf. van Langenhove, p. 251 ss. Não pude ver o artigo de Händecke.
 28. A imaginação popular deforma sempre. Fossem quais fossem as atrocidades, infelizmente bem reais, perpetradas pelo alemães em solo francês, misturaram-se nos relatos que delas se fizeram muitos factos das escórias lendárias: tais como, se bem me lembro, a lenda das «mãos cortadas». Aí está um tema de estudo bem atraente para um espírito probo e corajoso. Conviria também elaborar por uma vez o balanço exacto dos crimes alemães, eliminando tudo o que sejam «falsas notícias» ou mesmo informações duvidosas: como não seria útil um trabalho assim, não apenas para a história serena como também para a nossa propaganda à qual, desde a paz, resta ainda uma tarefa útil por cumprir, na Alsácia-Lorena, nos países amigos ou aliados, na própria Ale-

manha! A verdade perde a sua força quando anda misturada com erros.

29. *Braisne, arrondissement de Soissons*. Claro que se pronuncia sem dar a ouvir o s. [Bremen, em Francês = Breme. NT.]
30. Muito resumido, o incidente da captura do burguês de Bremen e as condições do nascimento e formação da falsa notícia são retomados em *Apologie pour l'histoire...*, p. 136 e 271. É curioso verificar que o lugar geográfico «L'Epine-de-Chevregny» desapareceu do relato mais recente.
31. Pierre Chaine, *Les Mémoires d'un rat*, p. 61, citado por Graux, II, p. 277, n. 1.
32. Este parágrafo encontra-se quase nos mesmo termos em *Apologie pour l'histoire...*, p. 137-138 e 272.
33. As ideias essenciais expressas neste parágrafo são retomadas de um modo ligeiramente diferente em *Apologie pour l'histoire...*, p. 138 e 272-273.
34. Ou se por vezes se tem os seus ditos por suspeitos esta dúvida é tão absurda e desprovida de método como a fé mais cega. Assim, na frente via-se o mesmo homem, alternadamente, aceitar de boca aberta os relatos mais fantasistas ou rejeitar com desprezo as verdades mais solidamente estabelecidas; o cepticismo ali era apenas uma forma de credulidade.
35. Cf. as indicações sobre algumas questões a tratar dadas por C. Jullian numa nota intitulada: «Folklore en temps de guerre», *Revue des études anciennes*, XVII, 1915, p. 73. Ver também, sobre folclore militar, um questionário elaborado pelo professor suíço E. Hoffmann Kraye e reproduzido na *Revue des Traditions populaires*, XXX, 1915, p. 107. Encontraremos algumas indicações sobre as falsas notícias alemãs em A. Pingaud, «La Guerre vue par les combattants allemands» em *Revue des deux Mondes*, 1916, 15 de Dezembro; cf. Dauzat, *loc. cit.*, p. 103.

- manha! A verdade perde a sua força quando anda misturada com erros.
29. *Braisne, arrondissement de Soissons*. Claro que se pronuncia sem dar a ouvir o s. [Bremen, em Francês = Brene. NT.]
30. Muito resumido, o incidente da captura do burguês de Bremen e as condições do nascimento e formação da falsa notícia são retomados em *Apologie pour l'histoire...*, p. 136 e 271. É curioso verificar que o lugar geográfico «L'Epine-de-Chevregny» desapareceu do relato mais recente.
31. Pierre Chainé, *Les Mémoires d'un rat*, p. 61, citado por Graux, II, p. 277, n. 1.
32. Este parágrafo encontra-se quase nos mesmo termos em *Apologie pour l'histoire...*, p. 137-138 e 272.
33. As ideias essenciais expressas neste parágrafo são retomadas de um modo ligeiramente diferente em *Apologie pour l'histoire...*, p. 138 e 272-273.
34. Ou se por vezes se tem os seus ditos por suspeitos esta dúvida é tão absurda e desprovida de método como a fé mais cega. Assim, na frente via-se o mesmo homem, alternadamente, aceitar de boca aberta os relatos mais fantasistas ou rejeitar com desprezo as verdades mais solidamente estabelecidas; o cepticismo ali era apenas uma forma de credulidade.
35. Cf. as indicações sobre algumas questões a tratar dadas por C. Jullian numa nota intitulada: «Folklore en temps de guerre», *Revue des études anciennes*, XVII, 1915, p. 73. Ver também, sobre folclore militar, um questionário elaborado pelo professor suíço E. Hoffmann Krayer e reproduzido na *Revue des Traditions populaires*, XXX, 1915, p. 107. Encontraremos algumas indicações sobre as falsas notícias alemãs em A. Pingaud, «La Guerre vue par les combattants allemands» em *Revue des deux Mondes*, 1916, 15 de Dezembro; cf. Dauzat, *loc. cit.*, p. 103.

A vida além-túmulo do rei Salomão¹

[*Revue belge de philologie et d'histoire*, t. IV, nº 2-3, Abril-Set. De 1925.
Mélanges historiques, t. II, p. 920-938]

I

Lê-se, numa vida lätina de santo Eduardo, o Confessor, conservada num fabulário do século XIII que hoje faz parte da biblioteca do *Corpus Christi College*, em Cambridge, a seguinte historieta²:

«Dois ingleses iam em peregrinação a Jerusalém. Fizeram as suas orações e as suas oferendas; depois, conforme puderam, à custa de muitos trabalhos, chegaram ao Monte Sinai. Não longe deste lugar corre, no sopé da montanha, um rio que sai do Paraíso; os peregrinos decidiram partir à procura da sua nascente. Mas andaram de um lado para o outro e perderam-se. Enfim, depois de terem gasto muitos dias assim a errar em vão, depararam com um muro que em nenhum ponto puderam transpor. O seu comprimento era incomensurável e a sua altura infinita. Entretanto, seguindo ao longo do Eufrates, avistaram um arco que se arredondava por cima do rio; em baixo, a ondulação fervilhava com violência: